

# Perspectivas cristãs para o diálogo inter-religioso atual

## Christian perspectives for the current inter-religious dialogue

Edward Neves M. B. Guimarães\*

### Resumo

O autor recolhe, no interior da experiência cristã, perspectivas pertinentes e necessárias à concretização histórica do diálogo inter-religioso. Sua tese é a de que elementos básicos para essa práxis libertadora estão presentes na própria experiência religiosa de Jesus de Nazaré. O ponto de partida é o reconhecimento, pressuposto epocal, da legitimidade do pluralismo cultural e religioso. Na primeira parte, explicita a dimensão antropológica e os pressupostos críticos de compreensão de uma tradição religiosa. Na segunda, recolhe contribuições importantes da tradição judaico-cristã para a efetivação do diálogo inter-religioso: a estrutura dialógica da revelação divina, a universalidade do amor de Deus, a promoção da vida humana como valor central, a necessária encarnação histórica da experiência de Deus e a dimensão sacramental da religião diante da centralidade teológica do Reino de Deus. Por fim, utiliza a categoria inreligiosação, de Torres Queiruga, para mostrar as maravilhas do possível e necessário diálogo inter-religioso.

**Palavras-chave:** Diálogo inter-religioso; Pluralismo; Fundamentalismo; Reino de Deus; Inreligiosação.

No último *show* da banda U<sub>2</sub> no Brasil, no dia 20 de fevereiro de 2006, a criatividade e a beleza da produção artística, a capacidade de comunicação do grupo e o ritmo envolvente das canções maravilharam a todos os espectadores. Além da simpatia e delicadeza do vocalista Bono Vox (Paul David Hewson) com o público, ele já possui renome internacional de “cidadão politicamente correto” na defesa de causas humanitárias e ecológicas, ficamos encantados com o

---

\* Texto recebido em dezembro/2006 e aprovado para publicação em outubro/2006.

† Mestre em Teologia Sistemática pela FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia; professor de Cultura Religiosa da PUC Minas e de Educação Religiosa e Filosofia do Colégio Marista Dom Silvério; coordenador do Curso de Teologia para Leigos do Centro Loyola de Espiritualidade, Fé e Cultura; professor de Teologia do IRPAC – Instituto Regional de Pastoral Catequética. e-mail: ednmbg@gmail.com

“gesto religioso” de em dado momento do *show*, entrar no palco com uma faixa na cabeça e a palavra “C•OE✠IS✠AM” em destaque. O “C” era representado pela “C” (lua com a estrela), símbolo do Islamismo, o “X” pela “✠” (estrela de Davi), símbolo do Judaísmo, e o “T” pela “✠” (cruz), símbolo do Cristianismo.

Coexistir, no contexto do gesto e para o tema que se pretende desenvolver neste artigo, significa muito mais do que a simples definição do dicionário Houaiss: “existir simultaneamente”. Implica o reconhecimento da dignidade e do valor do diferente de si. Exige respeito ao direito de ser diverso e assume a tolerância como valor fundamental. Supõe compreensão nova da capacidade humana de captar a verdade, sempre parcial, provisória e sujeita a enriquecimento, revisão e ampliação. Sugere nova atitude diante da realidade: acolhimento e valorização da consciência da pluralidade, acompanhada de profunda atitude de diálogo real no qual todos aprendem.

A profundidade do gesto da famosa banda de rock se explicita à medida que temos presentes as inúmeras querelas, embates e recíprocas incompreensões históricas, antigas e recentes, na convivência entre as diferentes tradições religiosas. O fato de entrelaçarem, na “religião-mãe” (Judaísmo) e nas duas “religiões-filhas” (Cristianismo e Islamismo), na significativa expressão de W. Gruen, inúmeros pontos explícitos e implícitos, para espanto e estranhamento daqueles que percebem, acolhem e reconhecem a beleza e a profundidade da rica tradição comum, não diminui as dificuldades e nem ameniza os ânimos para coexistirem pacífica, fraterna ou em fecunda e recíproca aprendizagem.

A urgência do gesto se capta ao verificar-se a crescente “consciência planetária”. O mundo tornado “aldeia global” pelas tecnologias da comunicação, da economia e do transporte não diminuiu o estigma das desigualdades sociais, nem combateu os mecanismos perversos de exclusão do acesso à “dignidade mínima” e de condenação à miséria e à fome existentes, de modo incomensurável nos países do hemisfério sul. O desenvolvimento tecnológico não promoveu, com igual velocidade e proporção, o processo de humanização, de concretização da justiça, de inclusão social e do necessário cuidado com o planeta. Globalizou a economia, sem mundializar a dignidade e os cuidados com a vida.

As religiões, tidas e reconhecidas como fontes de sabedoria e de educação em valores humanitários, não conseguiram transformar o mundo em comunidade fraternal-aprendente e nem ficar imunes às deturpações e degradações advindas das transformações tecnológicas e do fenômeno da globalização. Ao contrário, muitas vezes e de muitos modos, aliaram-se ao poder econômico dominador e destruidor, ao promover, impulsionar e legiti-

mar ideologicamente, com consciência ou não, os perversos mecanismos de perpetuação do mal. Hoje, evidencia-se, de modo claro e paradigmático, a tese do teólogo suíço Hans Küng:

Não haverá paz entre as nações, se não existir paz entre as religiões. Não haverá paz entre as religiões, se não existir diálogo entre as religiões. Não haverá diálogo entre as religiões, se não existirem padrões éticos globais. Nosso planeta não irá sobreviver, se não houver um *ethos* global, uma ética para o mundo inteiro. (KÜNG, 2004, p. 17)

Hans Küng está convencido, e nos convence, de que a paz mundial passa necessariamente pela paz entre as religiões, pela construção de um mínimo de consenso ético global. Nesse sentido, no contexto atual, o pequeno gesto da banda de rock irlandesa na turnê pelo Brasil adquire a força de “profecia externa”, na feliz expressão do teólogo galego Andrés Torres Queiruga (1994, p. 33), quando, em sintonia com o espírito do Concílio Vaticano II,<sup>1</sup> nos incita, como cristãos, à tomada de consciência, seja de nossa parcela de culpa, por posturas acirradas e intolerantes em inúmeros conflitos religiosos, seja no engendramento de mentalidades fundamentalistas, etnocêntricas e fechadas ao diálogo fecundo ou ao reconhecimento da legitimidade e autenticidade do pluralismo religioso.

Entre as características da modernidade avançada do século XXI, destaca-se a tomada de consciência crescente da legitimidade do pluralismo cultural, como expressão da beleza e da riqueza do fenômeno humano. Atualmente se percebe intenso movimento ou tendência de resgate das culturas autóctones, com as variadas formas de expressão, cuja vitalidade conseguiu resistir e sobreviver, não sem enorme sofrimento, à longa travessia das trevas de séculos de intolerância e ignorância.

Hoje, a humanidade tem a chance de viver autêntico *kairós*, tempo propício para se construir em horizontes de clarividência e sabedoria. Tempo de perceber, avaliar, acolher a necessidade de rever atitudes e de repensar conceitos, de superar posturas históricas estreitas e reducionistas em relação à compreensão do fenômeno religioso e, para nós cristãos, da própria experiência libertadora de Jesus de Nazaré. Nessa direção, situa-se o objetivo, bem como as singelas pretensões deste texto.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Cf. CONCÍLIO VATICANO II. *Declaração Nostra Aetate*, 1968, p. 615-25, que trata sobre as relações da Igreja Católica com as religiões não-cristãs.

<sup>2</sup> Sugerimos a leitura do texto luminoso e esclarecedor do estimado teólogo J. B. Libanio, que aponta muitas pistas de leitura e aprofundamento a cerca da questão do diálogo inter-religioso no contexto atual (cf. LIBANIO, 2002, p. 182-216).

## A religião como expressão cultural da seiva da vida

Todas as religiões, em princípio, são verdadeiras – quem pode dizer que não? – e nascem de intensa experiência religiosa.<sup>3</sup> Quando uma pessoa carismática – ou grupo de pessoas –, pretende ter feito autêntica experiência de Deus, busca transmiti-la a outros. Caso contrário, esta ficaria confinada aos estreitos limites da subjetividade humana e terminaria com a morte dessa pessoa – ou desse grupo. A transmissão se assemelha a qualquer outra experiência humana. Concretiza-se historicamente por meio de linguagem capaz de expressar-se e tornar-se compreensível. A experiência religiosa, por causa da dimensão de transcendência, tem especificidades. Realiza-se através de ritos e símbolos (linguagem religiosa), mas também por meio de mecanismos históricos de organização e regramento (processo de institucionalização). Carisma fontal, linguagem religiosa e instituição fazem parte do amálgama que denominamos religião. Não existe religião sem experiência fundante e linguagem religiosa em que esta se codifica e sem organização, mediação de sua conservação ao longo da história.<sup>4</sup>

As grandes tradições religiosas ensinam haver, anterior ao surgimento de qualquer religião, pelo menos, dois pressupostos básicos: um teológico e outro antropológico. As religiões surgem, primeiramente, porque Deus toma a iniciativa de auto-revelar-se e, segundo, porque o ser humano é constitutivamente um ser espiritual, dotado do dom de acolher a revelação divina.

O primeiro pressuposto garante a seriedade da experiência religiosa humana. Deus revela-se como presença criadora, sustentadora da autonomia da existência e impulsionadora da vida. Não violenta a autonomia das realidades. É-lhe o fundamento último de tudo o que existe. Estabelece com a criação profunda e amorosa relação, como amor possibilita-lhe ser. Amor que promove! Deus é, em si mesmo, relação absoluta e comunhão de amor.

O segundo explicita a capacidade humana de fazer a experiência religiosa. O ser humano é um ser radicalmente aberto à transcendência. Para Karl Rahner (1989, p. 31-6), ele é *a priori* e transcendentalmente um “ouvinte da Palavra”. Agostinho define-o como *imago Dei* e *capax Dei* (AGOSTINHO, 1995).

---

<sup>3</sup> Afirmar que todas as religiões sejam verdadeiras é o pressuposto básico para uma atitude dialogal e a negação radical de posturas pretenciosas e injustas. Esta afirmação não diz que todas sejam iguais no modo ou na intensidade de captação da verdade ou no número de equivocados, mas que todas buscam expressar, a seu modo, o mistério da presença salvadora e reveladora de Deus em nosso meio. Conseqüentemente, todas podem aprender dialogando com as demais. Para aprofundamento nessa questão veja a obra Queiroga, 1997.

<sup>4</sup> Torna-se muito proveitoso, teologicamente, para a compreensão do fenômeno religioso ter presente a distinção semântica que Libanio tece entre religião, religiosidade e fé (cf. LIBANIO, 2002, p. 87-109).

Para além de nossa finitude,<sup>5</sup> fomos criados com a vocação de acolher a revelação de Deus e de participar da comunhão divina.

O ser humano experimenta-se também como ser-no-mundo. Enquanto ser situado, constrói a identidade no interior de tradição cultural específica. Esta possibilita e, ao mesmo tempo, delimita-lhe a existência, em tensão dialética entre liberdade criadora e determinação histórica. Nenhum ser humano viveu fora dessa contextualização. A cultura, em dinamismo vivo e contínuo, molda e faz o homem e, simultaneamente, é acolhida, modificada, transformada, criada e recriada pelo próprio homem. Ao longo da história, esse processo vital, criativo e criador, em variedade de formas, cores e manifestações, engendrou, e continua possibilitando, ricas tradições culturais, tecendo a complexidade do fenômeno humano.

As religiões, especialmente – assim como as artes, os mitos e as diversas ciências –, fazem parte desse todo. São fios de imensa trama que tece a incalculável “riqueza das nações”. A caleidoscópica presença histórica do fenômeno religioso, com suas múltiplas formas e cores, ritos e símbolos, sugere que o ser humano, constitutivamente *homo religiosus*, é um autêntico fazedor de religião. A enorme manifestação do fenômeno religioso admira-nos.

À medida que se dá conta da gratuidade da existência e, ao mesmo tempo, toma consciência da contingência e finitude, emerge-lhe, das profundezas do existir, turbilhão de questões incontornáveis: Quem sou?, De onde vim?, Para onde vou?, Por que o amor?, Por que a morte?, É legítimo esperar algo após a morte ou é o fim?, Por que tanta dor e sofrimento?, Qual o sentido da vida?, Por que tantas perguntas?, Enfim, que é o homem? Estes interrogantes o impulsionam à busca de um sentido radical para a existência e as realidades ao seu redor. A vida, por mais autonomia e equilíbrio que conquiste, não se sustenta por e em si mesma. É carente de fundamento último!

Percebe-se que as questões existenciais não são colocadas extrinsecamente em nós, provocadas ou produzidas de fora para dentro. A realidade, as experiências marcantes acordam-nas, fazem o trabalho de parteira, dando à luz o que já estava dentro.<sup>6</sup> Estas questões estão diretamente relacionadas com o próprio processo de tornar-se humano. Processo que inicia o desenvolvimento à medida que se capta e se busca, na expressão de frei Betto, “o avesso da

<sup>5</sup> Segundo o conhecido princípio latino, *Deus semper maior* – Deus é sempre maior –, Deus é sempre mais do que apreende a limitada capacidade humana de compreensão.

<sup>6</sup> A “maieútica” se tornou ilustre e clássica para expressar o “inatismo” defendido pelo filósofo Sócrates. Com o objetivo de expressar a complexidade do processo revelatório de Deus no dinamismo histórico da Tradição judaico-cristã, foi recriada, como categoria teológica, e batizada com o nome de “maieútica histórica” por Torres Queiruga. Para maior aprofundamento veja a obra de Queiruga (1995, p. 407-419. Cf. GUIMARÃES, 2006, p. 148-158).

pele”, as profundezas da interioridade humana. O ser humano carrega o infinito dentro de sua pequenez.

As tradições religiosas, criações humanas, abrem espaço propício ao cultivo da interioridade, à busca do sentido radical da existência humana e de todas as realidades existentes. As religiões, antropológicamente, nascem no âmago do ser humano atento à necessidade profunda, amadurecida por meio de questões existenciais, de encontrar “porto seguro”, razão de existir, fundamento sólido de felicidade e realização.

As religiões, de fato, respondem ao que o ser humano busca: sentido autêntico para suas vidas. Que fale Agostinho:

Tarde vos amei, ó Beleza tão antiga e tão nova, tarde vos amei! Eis que habitáveis dentro de mim, e eu lá fora a procurar-vos! Disforme, lançava-me sobre estas formosuras que criastes. Estáveis comigo, e eu não estava convosco! Retinha-me longe de vós aquilo que não existiria se não existisse em vós. Porém chamastes-me com uma voz tão forte que rompistes a minha surdez! Brilhastes, cintilastes e logo afugentastes a minha cegueira! Exalastes perfume: respirei-o, suspirando por vós. Saboreei-vos, e agora tenho fome e sede de vós. Tocastes-me e ardi no desejo da vossa paz. (AGOSTINHO, 1997)<sup>7</sup>

A experiência religiosa vivida de modo profundo transforma a totalidade da vida humana. Ela irradia e se manifesta em todo processo criativo humano, seja nas artes, nos mitos ou na literatura. A título de exemplo: a poesia “Não sei”, de Cora Coralina:

Não sei se a vida é curta...  
Não sei... Não sei...  
Se a vida é curta ou longa demais para nós.  
Mas sei que nada do que vivemos tem sentido,  
Se não tocarmos o coração das pessoas.  
Muitas vezes basta ser:  
Colo que acolhe, braço que envolve,  
Palavra que conforta, silêncio que respeita,  
Alegria que contagia, lágrima que corre,  
Olhar que sacia, amor que promove.  
E isso não é coisa de outro mundo:  
É o que dá sentido à vida.  
É o que faz com que ela não seja  
Nem curta, nem longa demais,  
Mas que seja intensa, verdadeira e pura...  
Enquanto durar. (Cora Coralina)<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> Cf. tb. SANTO AGOSTINHO. Misérias e tentações. Disponível em [http://espaco-de-paz.awardspace.com/st\\_agostinho.html](http://espaco-de-paz.awardspace.com/st_agostinho.html). Acesso em 10 dez. 2006.

<sup>8</sup> Biografia e poemas. Poema: Não sei... Disponível em: [http://www.paralerepensar.com.br/coracoralina.htm#NÃO\\_SEI...](http://www.paralerepensar.com.br/coracoralina.htm#NÃO_SEI...). Acesso em: 10 dez. 2006.

O fenômeno religioso e as tradições religiosas, teologicamente, antes de ser pura criação humana, revelam que Deus, antes, nos criou para seu amor, para acolher sua auto-revelação amorosa. Não nos diminui a autonomia criativa e a liberdade de auto-determinação. Ao contrário, a graça – ação criadora contínua de Deus –, favorece e as possibilita. Deus não concorre conosco. Não é rival! Revela-se como parceiro e conosco “estradeiro”, na bonita expressão de Juvenal Arduíni (1987).<sup>9</sup>

Toda tradição religiosa se concretiza como caminho de realização autêntica do ser humano e merece o respeito, a admiração e a valorização das demais tradições de sabedoria, religiosas ou não. Aqui emerge um dos principais fundamentos ou critérios para o diálogo inter-religioso: o critério antropológico. Este, como veremos mais abaixo, foi critério presente e determinante na experiência religiosa de Jesus de Nazaré. É pelos frutos que se conhece a árvore (Cf. Mt 7, 17-20). Foi critério presente na vida de homens e mulheres que souberam captar e reconhecer a beleza e a sabedoria de uma tradição religiosa diferente da sua.

A sanidade ou insanidade de determinada tradição religiosa pode ser discernida historicamente pelo grau de humanização e qualidade ética de vida que promove nos seguidores, em nível individual e coletivo. É questão de bom senso perceber se determinada tradição religiosa favorece o processo de humanização de seus adeptos, mostrando-se fonte de sabedoria. A favor do homem, qualquer intolerância prévia ou atitude de fechamento assume a forma de discriminação etnocêntrica ou preconceito religioso. A realidade é complexa. Nem sempre se tem clareza da completude dos processos históricos. No entanto, o critério de verificabilidade e credibilidade de uma tradição se ajuíza por sua tradição de sabedoria.

A tradição religiosa, além de ser criada e formada por pessoas humanas, é situada historicamente. Como qualquer experiência humana, carrega a marca da ambigüidade e da caducidade. Se por um lado, ela é expressão e sacramento de uma experiência de salvação, de amor, de libertação, por outro, está sujeita ao erro e à miopia, como também do ocaso e à decrepitude.<sup>10</sup> Torna-se uma Tradição Viva ao ser estradeira, caminhante, aberta ao diálogo aprendente e “inculturante”. No caminhar os membros discernem as falhas, purificam a vontade de poder e os desejos de dominação, desconstroem os mecanismos de exclusão, captam reducionismos, fanatismos e falsas absolutizações. Desenvolvem espiritualidade de contínua conversão ao Deus da vida.

<sup>9</sup> Pela profundidade, provocações antropológicas e intuições fantásticas, esta obra merece ser lida.

<sup>10</sup> Libanio usa bellissima metáfora: distigue aurora de crepúsculo: a primeira antecede a luminosidade do dia e a segunda, a escuridão da noite. E se pergunta, com coragem e profecia, se o cristianismo atual vive tempo de aurora ou de crepúsculo. Cremos que a capacidade de dialogar com as demais tradições religiosas seja critério de aposta (cf. LIBANIO, 2006, p. 9-10).

Há dois graves perigos na formação da identidade histórica de uma tradição religiosa. A tendência de enclausurar-se em instituições e dogmas e a tendência de desvalorizar ou negar legitimidade da alteridade.

As instituições e os dogmas são-lhe condições de possibilidade de existência ao longo da história. Embora não garanta a fidelidade à experiência inicial, a instituição faz parte do mecanismo de estruturação, conservação e transmissão da experiência fontal. Quando se fossiliza ou se enclausura, a instituição perde dinamismo, mobilidade e vigor. O dogma é a possibilidade de afirmação da verdade diante do erro. Sem o dogma tudo se relativiza. O dogma não é a garantia de autenticidade definitiva da verdade. Pois esta, captada pelo ser humano, é continuamente processual, histórica, parcial e polissêmica. Os dogmas se situam historicamente e em seu contexto são compreendidos. Em novos contextos carecem ser atualizados, relidos, ressignificados. Quando se fossilizam ou se enclausuram, perdem dinamismo e valor histórico. Cai-se no dogmatismo. No fechamento ao novo!

A alteridade possibilita e enriquece. Sem o outro, eu não sei quem sou. O diferente, o outro não pode ser reduzido ao pólo do mesmo, do igual. Sem a alteridade, perde-se a noção de limite e a margem da identidade. Num contexto de uniformidade, não há identidade, pessoalidade, individualidade, diferença, enfim, não há referência. Dizer não à desvalorização da alteridade, do diferente, ou seja, acolher a diversidade – cultural, religiosa, biológica etc. – é fundamental para manter a vitalidade de qualquer realidade histórica, inclusive, da realidade religiosa.

Por isso entre os desafios para a manutenção da jovialidade e vitalidade de uma experiência religiosa destacam-se dois: o cultivo e a atualização da experiência fontal e a manutenção do círculo hermenêutico entre a tradição e o novo de cada tempo e lugar.

## **Algumas contribuições da experiência cristã**

Na tradição cristã, atribui-se ao Espírito Santo papel de destaque na experiência religiosa, em sua transmissão e vitalidade (Cf. Jo 14, 26; 16, 13; At 1, 8; 5, 32; 1 Cor 12, 3). A festa de Pentecóstes celebra o lançamento da pedra fundamental das primeiras comunidades cristãs. Pela ação do Espírito reconhece-se a origem divina da pessoa de Jesus de Nazaré, compreendem-se-lhe os ensinamentos e a ação libertadora e, o mais fundamental, atualiza-se, com fidelidade, a memória da experiência de salvação (Cf. Rm 8, 14-17. 26-27; 1 Cor 2, 10-16; Gl 4, 4-7).

O Espírito Santo não age de modo “mágico”, desligado das mediações históricas e do esforço do discernimento e da atividade humana. Atua em nossa vida sem violentar a autonomia: promove e impulsiona sem invadir, liberta sem anular o esforço e a deliberação humana. Insere-se no interior da ação humana. A rica tradição judaico-cristã oferece compreensão dialética e dialógica do agir divino e humano. Desde o desinstalador acolhimento abraâmico da Promessa, passando pela longa e desafiante construção histórica da Aliança e pela fecunda abertura jesuânica ao Reino de Deus, até a decisão cristã libertadora no seguimento de Jesus. A presença contínua de uma estrutura básica dialógica de iniciativa da proposta divina impulsiona o esforço da resposta humana promovida pela graça de Deus.<sup>11</sup>

O agir de Deus no interior de uma tradição religiosa não implica exclusividade. Ao contrário, faz-se clara experiência da universalidade do amor de Deus, de seu projeto salvífico universal (Cf. 1 Tm 2, 3-6). Se uma tradição se apercebe de alguma revelação divina, critério básico é que deve valer para toda a humanidade. Deus age em todos os dinamismos históricos, em toda a criação, no agir de todos os homens e mulheres que se abrem ao acolhimento da graça. E por que não concluir, portanto, que Ele atua em todas as tradições religiosas?

No início da primeira parte deste artigo, falávamos da intensa experiência religiosa presente na origem histórica de cada tradição religiosa. Manter a memória viva de suas fontes é desafio contínuo para cada religião. O movimento de “volta às fontes” rejuvenesce e fecunda criativamente a tradição sem perder a fidelidade ao tempo histórico vivido e ao lugar geográfico em que se está situado. Nesse sentido, a tradição cristã está aprendendo, a duras penas, a cultivar a centralidade da “memória perigosa de Jesus de Nazaré”. O cristianismo nasce da *anamnesis* dos feitos e ensinamentos de Jesus e nutre-se da memória partilhada na liberdade do Espírito, atualizada e vívida para o homem e a mulher situados no tempo e no espaço do anúncio. Trata-se do esforço contínuo de encarnação, de inculturação, ou seja, de recuperar e significar a vida, ensinamentos e ação libertadora, de Jesus de Nazaré na mentalidade contemporânea ao anúncio. Aqui, nos limites deste artigo, trataremos de quatro aspectos ou níveis paradigmáticos da experiência religiosa de Jesus de Nazaré dentro da sensibilidade cultural atual.

O primeiro aspecto denominamos “via antropológica”. Esta pode ser captada na centralidade que a vida humana ocupava na práxis religiosa de Jesus, especialmente daqueles que estavam à margem do caminho social, econômi-

<sup>11</sup> Para um aprofundamento dessa temática há três capítulos de um precioso livro do teólogo Torres Queiruga muito interessante (1993, p. 11-113).

co, político e religioso. Este aspecto aparece ao longo dos Evangelhos. Dele emerge o critério ético fundamental para avaliar a fidelidade do agir cristão (Cf. Mt 25, 31-46; Lc 4, 16-21; Jo 10, 1-11). O cultivo da centralidade do humano possibilita desmascarar mecanismos ideológicos perversos e excludentes, tais como o critério da “eficácia”, da “qualidade total” e da “concorrência”, tão presentes nos discursos atuais. Estes exigem sacrifícios de vidas humanas. Tais sacrifícios não passam pelo crivo do critério do “Reinado do Deus da Vida”, do Deus Abbá de Jesus. Quando a vida humana ocupa a centralidade como critério de discernimento, qualquer forma de poder só encontra legitimidade ao colocar-se a serviço, no resgate do valor da vida, na recuperação da dignidade perdida (Cf. Mc 10, 32-45; 12, 38-44). Com tal critério, adquire sentido profético a liberdade jesuânica de frequentar a casa dos pecadores, sentar-se à mesa e partilhar a vida com eles (Cf. Lc 19, 1-10), relativizando a centralidade da lei em nome do amor fraterno (Cf. Mc 2, 23-28; Lc 10, 25-37). Jesus percebeu a inseparabilidade entre o amor a Deus e o amor ao próximo. Captou também as gigantescas dificuldades sociopolíticas dessa vinculação, não arredando o pé. Amai-vos uns aos outros, como eu vos amei. Nisso reconhecerão que sois meus discípulos (Cf. Jo 13, 34-35), pois, ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelo irmão (Cf. Jo 15, 12-17). Para Jesus, toda forma de amor a Deus, desvinculada da centralidade da vida humana concreta, torna-se espiritualismo vazio e não-libertador do individualismo escravizante. Na experiência religiosa, Jesus vivencia, com clareza meridiana, que só amamos a Deus no amor ao próximo (Cf. 1 Jo 4, 20-21; Lc 10, 25-37).

O segundo aspecto chamamos “via histórica”. Esta, de certa forma, promove e confirma a via antropológica. Ela é percebida na totalidade da vida de Jesus. Antes da afirmação do mistério da Encarnação, cujo acesso, na fé, se deu somente à luz do mistério da Ressurreição, deve-se levar a sério aquilo que a cristologia moderna define como o “princípio da *kenosis*” (Cf. Fl 2, 5-11). Ou seja, que o acesso histórico que temos ao “Cristo da fé”, ao “Filho de Deus”, ao “Emanuel” é, no mínimo, paradoxal e escandaloso. Trata-se da fragilidade da vida histórica do judeu palestinese e carpinteiro, Jesus de Nazaré, filho de José, o carpinteiro, e de Maria, irmão de Tiago, José, Simão e Judas (Cf. Mc 6, 3; Mt 13, 55; Lc 4, 22), com trinta anos de anonimato, curta vida pública (anúncio do Reino, ensinamentos proféticos e ação libertadora), rejeição implacável e fim violento e trágico. Na fragilidade dessa vida situa-se a força da experiência cristã e a chave de seu dinamismo histórico (Cf. 1 Cor 1, 17-31). Sem levar a sério a vida histórica concreta perdemos não só a beleza, mas a densidade ética e a

seriedade histórica da experiência cristã como revelação do projeto salvífico universal de Deus. Jesus foi autenticamente humano, em tudo igual a nós, menos no pecado. Em linguagem bíblica, a Carta aos hebreus afirma: o que santifica tem a mesma origem dos santificados. (Cf. Hb 2, 11.14.17; 4, 15). A experiência cristã anuncia que, na vida humana histórica, Deus se deu em plenitude a nós, assumiu a nossa condição e se fez caminho de salvação. A vida humana na história, em Jesus, adquire a sacralidade do lugar da epifania de Deus. Nessa perspectiva compreendemos a afirmação de Irineu: *Gloria Dei vivens homo* – a Glória de Deus é o homem vivo ou o homem vivendo plenamente (Cf. IRINEU, 20, p. 7 *apud* QUEIRUGA, 1999, p. 78). Não dá para levar a sério a experiência cristã de Deus sem assumir densidade da história, palco no qual todo homem e toda mulher que vêm a este mundo lutam para realizarem-se e serem felizes. Tudo o que promove e impulsiona o ser humano para sua autêntica felicidade pode ser tomado como desígnio de Deus.

O terceiro aspecto nomeamos como “via filosófica”. Ela nasce da via histórica, da exigência de manter a consciência do paradigma histórico como lugar do humano e de critério valorativo para o culto cristão, mas a plenifica, ou seja, possibilita sua compreensão crítica e justa. Por um lado, na fragilidade e efemeridade do histórico, a experiência cristã se acerca do absoluto de Deus, da plenitude do projeto salvífico universal. Por outro lado, todo universal, todo absoluto só pode ser captado na condição humana de ser histórico. Concretamente a plenitude captada na experiência cristã sempre será concretizada de modo limitado e processual no nível do vivido na história. O particular é a condição de possibilidade do universal na história. Mesmo em Jesus de Nazaré, a plenitude de Deus assumiu o limite e a fragilidade do particular. O ser humano tem a capacidade de pensar e captar o global, mas o concretizará sempre aquém. Para uma tradição religiosa essa condição inibe qualquer pretensão de universalidade ou catolicidade ingênua. Ela ajuda a derrubar falsos pedestais erigidos pela “síndrome da hegemonia” ou da ilusão tentadora da exclusividade como detentora da plenitude da verdade.

E por fim, ao quarto aspecto damos o nome de “via teológica”. Jesus viveu descentrado de si. O único absoluto foi-lhe o-Reinado-de-Deus-e-o-Deus-do-Reino. Aqui temos a chave de compreensão ou o acesso ao fascinante grau de liberdade histórica concretizado por ele diante de tudo e de todos. Educado na grande tradição judaica, partilhou com os coetâneos a expectativa messiânica e a esperança da chegada do Reino de Deus. Bebeu na fonte dos profetas, encantou-se com a pregação do Batista, com a entrega dos fariseus e essênios, com a iracúndia dos zelotas. Mas no cultivo da intimidade com

Deus purificou-se de falsas esperanças, corrigiu miopias, alargou reducionismos, venceu as tentações do poder e do ter, discerniu a missão e construiu a identidade histórica. Deus foi sendo experimentado como proximidade amorosa e libertadora, fonte de todo anseio por justiça e da utopia de realização universal. A vontade de Deus foi sendo acolhida obediencialmente como a própria e única vontade. Quando Deus-e-sua-vontade se tornou o único absoluto para Jesus, ele foi capaz de entregar-se e apostar toda a vida na perspectiva da manifestação da Boa Nova do Reino de Deus. Por isso, quando o-Deus-de-Jesus-e-sua-vontade-salvífica-universal se constituir o único absoluto, as tradições religiosas adquirem e assumem o caráter essencialmente sacramental. Percebem com clareza a missão histórica: testemunhar com gestos proféticos e ritos, ensinamentos e práxis libertadora, a presença salvadora do Reino de Deus. Nenhuma tradição religiosa pode confundir-se com a realidade do Reino ou pretender identidade total com o dinamismo que pertence exclusivamente a Deus (Cf. 1 Cor 3, 5-7). O sacramento não é a realidade do Reino, mas irradia sua alegria, testemunha e revela sua presença salvadora, e convida à conversão, ao acolhimento de todo coração da Boa Nova.

Os discípulos vivenciaram a mesma experiência religiosa de Jesus. Estes, como o mestre, se deixaram transformar. Frequentemente damos pouca atenção à experiência fundante do cristianismo: a centralidade do Reinado de Deus, a experiência de perceber o projeto salvífico universal de Deus e o “teocentrismo jesuânico”,<sup>12</sup> a experiência de Deus como o *Abba* querido. Esse núcleo da experiência religiosa de Jesus, do qual emerge a autêntica identidade cristã, talvez seja uma das maiores contribuições do cristianismo ao diálogo inter-religioso.

Os quatro níveis se completam em unidade dialética. As quatro vias descritas se visualizam em unidade holográfica. Primeiro, a via teológica lança o alicerce e sustenta a construção. Segundo, a via filosófica desenha o projeto arquitetônico, a partir dos cálculos de engenharia, a planta da casa. Terceiro, a via histórica oferece o terreno no qual a casa é construída, lugar que oferece as condições de viabilidade do projeto arquitetônico, estabelece limites, necessárias correções etc. E, por fim, a via antropológica dá visibilidade e credibilidade à casa, mostra-a para os de fora: as paredes, o telhado, as janelas e as portas. A casa é formada pelos quatro elementos. Todos são importantes, já que cada parte ajuda a formar o todo e contém o todo. Mas a falta de um deles pode afetar a totalidade do projeto, pois, o todo é mais do que a soma das partes.<sup>13</sup>

<sup>12</sup> Expressão cunhada por Torres Queiruga, em seu prefácio à obra de Roberlei Panasiewicz (PANASIEWICZ, 1999, p. 15).

<sup>13</sup> Paulo desenvolve uma rica metáfora para expressar a unidade plural da comunidade de fé: a comunidade é o corpo, o Corpo de Cristo. Cf. 1 Cor 12, 12-31.

## A religião como fonte de sabedoria

Continuemos com a “caleidoscópica” metáfora da casa. A casa da experiência cristã é apenas uma entre as muitas casas que formam a pluralidade e a beleza das tradições religiosas. Toda casa de pessoas felizes convida as outras a entrarem e experimentarem um lar em que se sintam bem e aprendam um pouco da arte da boa convivência e ser feliz. Uma casa pronta ajuda a quem está construindo a sua, com a motivação, com a experiência e a possibilidade de a nova construção não cometer os mesmos erros etc. A diversidade de casas contribui e enriquece. Em tempos de reforma, suscita idéias novas e compartilha experiências que deram certo. As pessoas, ao abrirem as portas e as janelas de sua casa, revelam a beleza interior e irradiam o aroma da cozinha. Para expressar felicidade, cultivam flores coloridas nas janelas, atraem borboletas e beija-flores, tocam harmônicas melodias. De vez em quando, preparam refinadas festas, convidam vizinhos e amigos para celebrarem a vida de um membro da família ou exaltarem algum acontecimento importante. Da atitude de abertura afetiva, de pessoas entusiasmadas com a própria casa, da experiência terna dos laços de família, dos encontros festivos, regados a queijo, vinho e outras tantas iguarias, nascem grandes amizades, projetos de vida nova etc. Não foi essa a experiência de Zaqueu com Jesus? (Cf. Lc 19, 1-10).

Somente em contexto de mesquinharinhas, em que as pessoas já desvivem centradas em si, perdidas no cultivo de mentalidades individualistas e exclusivistas, elas disputam qual casa é mais bonita, qual delas a de maior ostentação ou poder, ou ainda, tão narcisicamente fechadas à beleza da realidade se tornam incapazes de alegrar-se com a casa dos outros ou indiferentes, a ponto de não enxergar os empobrecidos que estão “sem teto”, sem dignidade, sem lar.

Uma casa-religião habitada por pessoas assim não se concretiza como fonte de realização, não há abertura para transformar o coração, clima propício ao processo de humanização. Não há espaço para avaliação da própria identidade. Estará sujeita a amar a superfície dos dados estatísticos e a se mover apenas na exterioridade dos fatos. Com facilidade perderá a densidade de ser fonte de sabedoria para os novos membros.

No mundo atual, terão cada vez menor relevância e espaço as tradições com posturas exclusivistas e excludentes. O movimento de superação real de todas formas de manifestação das mentalidades etnocêntricas, religiocêntricas, convida-nos a abrir-se. O mundo em que vivemos assume paulatinamente a consciência da pluralidade. Novos paradigmas, da complexidade, da consciência ecológica, da atual mentalidade científica, ajudam-nos a perceber que

algo apenas sobrevive enquanto parte da grande “teia da vida”, incluído na imensa “rede de relações”, concretizando relações de aprendizagem e crescimento em todas as direções, pois, a diversidade não se opõe à unidade. Percebendo-se como parte do todo, parte que contém o todo, mas, com a consciência de que o todo é maior do que a soma das partes, compreendemos que somos um entre os outros, mas, simultaneamente, formamos a unidade na pluralidade. A música de Tom Zé, “Unimultiplicidade”, composta para o Fórum Social Mundial de Porto Alegre, expressa a nova consciência emergente:

Cada homem é, sozinho, a casa da humanidade.  
Não tenho nada na cabeça, a não ser o céu.  
Não tenho nada por sapato, a não ser o passo.  
Não faço nada com o passo, só traço a linha do futuro.  
E o futuro tem caminho, na unimultiplicidade, pois...  
Cada homem é, sozinho, a casa da humanidade.  
Não tenho nada no Guaíba, a não ser a vida.  
Não tenho nada nas estradas, só uns amigos meus.  
Não tenho nada com as águas, somente o berço original.  
E esse berço se abraça, na unimultiplicidade, pois...<sup>14</sup>

No pensamento teológico de Torres Queiruga há uma intuição fundamental para alavancar e avançar, com liberdade do Espírito, rumo à construção do diálogo inter-religioso. O autor a denomina de inreligiosa. As religiões, como criação cultural, são chamadas a aprender com o que ocorre com as pessoas em processo de inculturação, ou seja, com o que se realiza nos encontros e interpenetrações entre as diferentes culturas, nos diversos lugares. O que acontece com cada cultura, para além dos choques iniciais, tentativas de dominação, incompreensão etc. Cada cultura, enquanto algo vivo e em contínuo processo de vir-a-ser, diante da alteridade, percebe e oferece identidade e valores, mas também reconhece e acolhe a identidade e os valores da outra. Como não há cultura superior em relação às outras, desses encontros, cada uma, em princípio, aprende, amplia-se, mas também ensina e favorece o crescimento. Ajuda a renovar e se renova. De modo que cada cultura se torna cada vez mais e melhor ela mesma, pois, sem deixar de ser, purifica-se, relativiza certos dogmas, corrige miopias, abre-se a novas possibilidades.

O que é humano só pode ser compreendido e suprassumido a partir do particular no qual se encontra situado. A riqueza e a complexidade da categoria inreligiosa revela, primeiramente, o desafio do processo revelador no interior da cultura judaica. Deus para revelar-se em plenitude assumiu a condição cultural do povo. Nesse condicionamento cultural nasceu e cresceu a

---

<sup>14</sup> Cf. ARAGÃO. Disponível em <http://www.unicap.br/teologia/Gil23-8.htm>. Acesso em: 10 dez. 2006.

tradição cristã. Na linguagem dessa cultura consignada nas Escrituras, compreendeu-se e se configurou. Depois, a cultura helenística desafiou o cristianismo para se inculturar, necessitando reinterpretar e resignificar-se no novo contexto cultural.

Os encontros dialogais entre as religiões se fazem fecundos e enriquecedores. Um budista leva um cristão a ser melhor cristão, quando partilha com ele seu modo de compreender a experiência cristã, a partir de sua tradição religiosa oriental. Possibilita ao cristão aberto ao diálogo captar aspectos novos da experiência cristã que lhe escapavam pelos condicionamentos de sua cultura ocidental. Ao mesmo tempo, a experiência cristã conhecida e experimentada pelo budista o ajuda a ser melhor budista, quando iluminado pela experiência cristã de Deus, capta aspectos e possibilidades novas da experiência budista velados pelos condicionamentos culturais.

A inreligiosa implicação alguns passos. Primeiro, que cada um conheça com clareza a própria identidade na diferença, sem perder o senso da unidade plural maior que unifica tudo e todas as tradições: o Deus sempre maior. Segundo, que cultive a atitude de humildade, respeito e reverência diante da alteridade religiosa. Terceiro, como consequência do segundo, que reconheça a beleza divina da outra tradição religiosa como portadora de verdade e sabedoria, embora previamente não seja possível determinar, somente após o encontro fecundo e diálogo concreto, em que grau e forma a verdade divina foi captada pela outra tradição. O princípio, de fato e de direito, que daí emerge, é o seguinte: Deus se revela em todas as tradições religiosas. Entre as diferentes religiões, *mutatis mutandis* acontece o mesmo que no interior de uma mesma tradição religiosa, devido ao processo de assimilação assimétrica da experiência frontal e ao pluralismo cultural das pessoas.<sup>15</sup>

## Conclusão

A religião, digna desse nome, se concretiza como fonte de sabedoria. O objetivo maior não lhe é a conquista de novos adeptos, mas ampliação dos horizontes de compreensão da vida: transformar o ver, o ouvir, o coração (sentir), o conviver. A missão consiste em servir e, ao transformar a interioridade das pessoas, constrói mundo melhor para todos. Não importa em si, enquanto si mesma, mas acolhe o projeto salvífico universal de Deus, as pessoas que ali buscam experimentar o amor de Deus.

<sup>15</sup> Para aprofundar a intuição de Queiruga recomendamos consultar as seguintes obras: Queiruga, 1997; Queiruga, 1994; Panasiewicz, 1999, p.144-155.

Nos projetos sociais visa a fomentar, antes de qualquer crescimento histórico, a lucidez crítica e, no cultivo da autocrítica, a busca de coerência histórica. Trilha uma caminhada incansável e ininterrupta de conversão a Deus e ao seu Reino.

A tradição religiosa se transforma, de fato, em fonte de sabedoria e crescimento humano, ao cultivar a atitude de abertura dialogal diante das outras tradições, religiosas ou não. Abre-se ao Espírito de Deus, que sopra onde e quando quer, portanto, cultiva a atitude de vigilância e oração, na busca de captar, reconhecer e discernir os sinais de Deus na história e a revelação de sua Palavra, e procura anunciar e testemunhar a vontade de Deus.

A tradição bíblica permite perceber a riqueza da experiência religiosa de Jesus, a ponto dessa memória ser erigida como a regra vital para o próprio cristianismo e ser anunciada e proposta a todo homem e mulher de boa vontade. Entre os pontos destacados, a título de conclusão, avulta a experiência da “liberdade libertada”, descrita por Paulo a comunidade dos gálatas. Trata-se da “liberdade para”: o amor-serviço e a justiça. A experiência de Jesus nos liberta para que sejamos verdadeiramente livres e não nos submetamos a nenhuma forma de escravidão. Uma libertação que nos leva à práxis do amor fraterno e da justiça, e nos convida a colocar-nos, em atitude de misericórdia, a serviço dos irmãos (Cf. Gl 5, 1.13-14).

#### **Abstract**

The author extracts from Christian experience perspectives associated with, and necessary to, the historical concretization of inter-religious dialogue. According to his thesis, basic elements of inter-religious dialogue are present in Jesus' own religious experience. The starting point is the acknowledgment of the legitimacy of cultural and religious pluralism. In the first part, the article points out the anthropologic dimension and critical premises of the comprehension of a religious tradition. In the second part, important contributions from Jewish-Christian tradition to an effective inter-religious dialogue are presented: the dialogical structure of divine revelation, the universality of God's love, the promotion of human life as a central value, the necessary historical incarnation of God's experience and the sacramental dimension of religion in face of the theological centrality of God's Kingdom. Finally, Torres Queiruga's category of 'inreligionation' is used to show the wonderful results of inter-religious dialogue.

**Key words:** Inter-religious dialogue; Pluralism; Fundamentalism; God's Kingdom; 'Inreligionation'.

## Referências

- ARAGÃO, Gilbraz. **Religiosidade pós-moderna**. Oitava parte: Para suspendermos a conversa. Disponível em: <<http://www.unicap.br/teologia/Gil23-8.htm>>. Acesso em: 10 dez. 2006.
- ARDUINI, J. Estradeiro. **Para onde vai o home?** São Paulo: Paulinas, 1987.
- CONCÍLIO VATICANO II. **Declaração *Nostra Aetate***. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1968. p. 615-625.
- CORALINA, Cora. Biografia e poemas. Poema: Não sei... Disponível em: <[http://www.paralerepensar.com.br/coracoralina.htm#NÃO\\_SEI...](http://www.paralerepensar.com.br/coracoralina.htm#NÃO_SEI...)>. Acesso em: 10 dez. 2006.
- GUIMARÃES, E. N. M. B. **Cristianismo e modernidade: a crise do cristianismo pré-moderno e as pistas para sua configuração atual na obra de Torres Queiruga**. 2006. 181f. Dissertação (Mestrado em Teologia Sistemática). Instituto Santo Inácio, Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte.
- KÜNG, H. **Religiões do mundo: em busca dos pontos comuns**. Campinas: Verus, 2004.
- LIBANIO, J. B. **A religião no início do milênio**. São Paulo: Loyola, 2002.
- LIBANIO, J. B. **Qual o futuro do cristinismo?** São Paulo: Paulus, 2006.
- PANASIEWICZ, R. **Diálogo e revelação. Rumo ao encontro inter-religioso**. Belo Horizonte: C/Arte, 1999.
- RAHNER, K. **Curso fundamental da fé**. São Paulo: Paulinas, 1989.
- QUEIRUGA, A. TORRES. **Creio em Deus Pai: o Deus de Jesus como afirmação plena do humano**. São Paulo: Paulinas, 1993.
- QUEIRUGA, A. TORRES. **Cristianismo no mundo de hoje**. São Paulo: Paulus, 1994.
- QUEIRUGA, A. TORRES. **A revelação de Deus na realização humana**. São Paulo: Paulus, 1995.
- QUEIRUGA, A. TORRES. **Recuperar a criação. Por uma religião humanizadora**. São Paulo: Paulus, 1999.
- QUEIRUGA, A. TORRES. **Diálogo das religiões**. São Paulo: Paulus, 1997.
- SANTO AGOSTINHO. **De Trinitate**. São Paulo: Paulus, 1995. Livro 14, Cap.9.
- SANTO AGOSTINHO. **As confissões**. São Paulo: Paulus, 1997. Livro 10, Cap. 38.